

ANDRÉ SOUZA MARTINELLO*
SÉRGIO SCHNEIDER**

PARALELOS ENTRE ANTONIO CANDIDO E ALEXANDRE CHAYANOV:
ECONOMIA FECHADA, EQUILÍBRIO MÍNIMO E RUSTICIDADE

Resumo: O estudo efetua paralelos entre dois conhecidos autores do sócio-rural, Alexander Chayanov e Antonio Candido, através da leitura cuidadosa de suas obras. Objetiva-se apresentar aproximações e diferenças nos debates de interpretação do agro-rural. O resultado é um paralelo que reflete contextos nacionais diferentes, e do qual sobressai, contudo, uma análise que pode permitir reflexões diversas em vários campos do saber.

Palavras-chave: Teoria sócio-rural. Campesinato. Chayanov. Antonio Candido.

Abstract: This study compares two well known authors of the social and rural fields, Alexander Chayanov and Antonio Candido, by studying carefully their works. The main objective is to show similarities and differences in their agrorural theoretical interpretations. The result is a parallel reflecting different national contexts, originating an analysis allowing a variety of insights in different knowledge areas.

Keywords: Rural studies. Agricultural economy. Chayanov. Antonio Candido.

A extensão da área cultivada por cada parceiro, bem como o êxito do trabalho dependem do número de braços com que pode contar cada um. Daí a importância econômica da família numerosa, que compensa o ônus representado pela infância e compensado a partir da puberdade. Antonio Candido (2001, p.149)

O autor, Antonio Candido. Perpassando gerações

Da chamada “geração de 1945” assim como Décio de Almeida Prado e Paulo Emilio Salles Gomes, Antonio Candido considerou certa vez ele próprio e seus colegas contemporâneos, pouco capazes de renovação intelectual, diferentemente ao acontecido

*Mestre em Desenvolvimento Rural pela UFRGS. Vinculado ao Labimha/Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental da UFSC, Mestrando em História nesta universidade, licenciado e bacharel em História também pela UFSC. Licenciado em Geografia pela UDESC.

**Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e Desenvolvimento Rural (PGDR) da UFRGS.

com a geração modernista da Semana de 1922: “[...] confessa que ele e seus companheiros surgiram de certa forma, esmagados pela geração anterior, que havia originado o até hoje inesgotável fenômeno modernista.” (revista VEJA, 1975, p. 03).

Pode haver traços de humildade nessa confissão por parte de Antonio Candido ou simplesmente consideração a respeito das importantes modificações advindas com a polêmica e renovadora geração anterior, segundo parece ter comentado ele próprio: “O movimento modernista de 1922 instaurou a liberdade na criação literária e originou algo que só agora estamos sentindo plenamente: o escritor está entregue à sua própria liberdade. Daí, não apenas a possibilidade, mas a necessidade de experimentação.” (ibidem), afirmou Candido em entrevista a Veja, publicada nas páginas amarelas da revista no ano de 1975. Porém, é necessário lembrar, a própria geração de Candido o reconhece como intelectual de destaque, produtor de reflexões admiráveis, inspirador assim como parece ter sido alguns dos principais articuladores de 1922, isso significa dizer então, que além de sobrepor-se a “tão mal fadada geração de 1945”, essa a qual Candido compunha e fazia parte, deixou legado de reflexões e obras extremamente importantes ao pensamento social brasileiro. Autor que contribuiu e marcou gerações seguintes e a sua própria, como afirmou Florestan Fernandes: “Falar ou escrever sobre Antonio Candido é para mim extremamente difícil. A geração à qual pertencço não seria a mesma sem a sua presença e influência”. (FERNANDES, 1992, p.33). Mariza Peirano (1997, p.05), em entrevista com um dos fundadores da sociologia brasileira informa: “Florestan diz que Antonio Candido, dois anos mais velho que ele, era uma espécie de ‘*Mario de Andrade*’ entre os colegas.” Aquele esmagamento recebido dos modernistas paulistas de 1922 parece não ter sido tão pesado assim, na medida que transformou-se em influência ao ser reelaborada e digerida por Candido, afinal, representantes de gerações anteriores manifestaram o desejo de tê-lo como mestre e mais do que isso, a possibilidade de ser um de seus discípulos, como se atribui ao poeta Carlos Drummond de Andrade na época com 73 anos de idade, ter tecido o seguinte comentário: “Um privilégio que não tive: ser discípulo de Antonio Candido.” (revista VEJA, op.cit, p.03).

Propriamente em termos sociológicos, o próprio Candido identifica e assume (JACKSON, 2002, p.130-131) no ano de 1974, sua geração como aquela que radicalizou a sociologia brasileira, ao deslocar a análise das classes dominantes para as classes dominadas.¹ Esse deslocamento da análise hierárquica dos “de cima” da

¹ Segundo Peirano (1997, p.12): “[...] [Os Parceiros do Rio Bonito] um livro que diferia da sociologia de caráter senhorial que anteriormente se fazia no Brasil, como atestam os trabalhos de Gilberto Freyre e

sociedade para “os de baixo” pode ser considerada uma das possíveis contribuições e inovações da geração de Candido e de seus próprios escritos. É importante enfatizar essa condição e capacidade de permanecer como intelectual de referência por várias gerações, seja por inovações nas abordagens, como na fabricação de destaques aos aspectos socialmente invisíveis da sociedade brasileira, tornando o autor, intelectual reconhecido nas diferentes áreas do conhecimento, efetuando pesquisas profundas e férteis, atuando, segundo palavras dele próprio, *com pé em duas canoas* de maneira a radicalizar o pensamento brasileiro e a análise do Brasil.

Interfaces e proposta com esse artigo

Utilizando como fonte de análise “Os parceiros do Rio Bonito”, tese de doutoramento defendida em 1954 por Antonio Candido, a intenção desse artigo é apontar quem são (e como são) esses “dominados” descritos por Candido, chamados de “parceiros”. Qual rural é descrito e apresentado na busca de entender e analisar esses atores, que se caracterizavam também pela condição de espoliação sócio-econômica de uma formação social presente (e predominante) em várias regiões do Brasil, aquela que concentra a propriedade e acesso a terra. A posição tomada aqui nesse trabalho é a idéia de que Candido não inventou o rural brasileiro como objeto de abordagem e estudo, pois ele próprio se baseou em outros autores², textos e livros já existentes que o auxiliaram nas análises de sua tese. Mas na medida em que lançou novas perspectivas, problemáticas e formas de analisar e compreender o rural relegado a invisibilidade, Candido contribuiu então, ao incremento de uma tradição de pensamento social brasileira, aperfeiçoando as reflexões sobre o País.

Como demais trabalhos acadêmicos no período, o estudo realizado por Candido – tese defendida em 1954 e publicada em livro no ano de 1964 – está dentro do que foram considerados os primeiros estudos que buscavam uma visão não-aristocrática do Brasil (JACKSON, op. cit, p.75), ou melhor, a recusa de olhar sociedade a brasileira pela ótica de quem a domina. E com a publicação da tese, demoradamente uma década aguardada para ser transformada em livro: “[...] um tipo de homem pobre-‘livre’ ganhou espaço na estante dos clássicos. Iluminou-se uma parcela do Brasil dos de baixo, o que

Oliveira Viana: “eu estudei o oprimido, o sujeito que passa fome”. Desta forma, quando alguns críticos de hoje focalizam raízes aristocráticas do seu trabalho, Antonio Candido considera a observação injusta, já que não toma em conta o contexto histórico no qual ele e sua geração estudaram e produziram.”

² Como Sérgio Buarque de Holanda e Josué de Castro, citados e presentes em “Os Parceiros do Rio Bonito”.

eles são, como gente e portadores de uma civilização excluída e de uma sociedade subalternizada”, escreveu Florestan Fernandes (1992, p.35) em um texto homenagem a trajetória bio-bibliográfica de Antonio Candido.

A proposta com esse trabalho não é apenas apontar as importâncias, inovações ou contribuições advindas com a reflexão e os livros de Candido, como fez de maneira muito cuidadosa e rica Luis Carlos Jackson (2002)³, mas sim elencar pontos e análises que podem permanecer atuais, principalmente se relacionadas a demais estudos também clássicos na Sociologia rural. Provavelmente o requinte analítico, esforço metodológico e peculiaridade multidisciplinar de análise lançada pelo autor, tornam “Os parceiros do Rio Bonito” em permanente estado de atualidade, embora a realidade do local em que fora realizada a pesquisa e investigação tenha sofrido profundas modificações desde metade da década de 1950, por isso, a problemática aqui sugerida busca traçar paralelos de como outros temas e aspectos a respeito do rural pode se encontrar, compreendidos e comparados, por exemplo, ao aproximarmos as reflexões também clássicas de Alexander Vasilievich Chayanov com algumas das questões presentes e sugeridas n’Os Parceiros do Rio Bonito. Nesse trabalho, comparação e paralelo entre um autor russo e outro brasileiro, separados espacialmente e temporalmente são procedimentos viáveis e possíveis de serem realizados sob perspectiva e problemática acadêmico-científica.

Em que medida é possível encontrar aspectos peculiares do caipira e que esteja em diálogo ao que apontava Alexander V Chayanov a respeito do campesinato russo? Em relação a temáticas mais específicas, como a economia fechada e o equilíbrio mínimo, quais análises podem ser comparadas nas obras dos diferentes autores? São algumas dessas e outras questões que se pretende descrever e abordar a respeito de obra que “já nasceu clássica”, como resultado do rigor e mérito acadêmico do autor, sobre o qual uma revista de circulação nacional comemorava em 1970, a capacidade intelectual desse brasileiro: “Antônio Cândido nunca escreveu e nunca escreverá uma linha medíocre. Seu segredo é a combinação de uma formação rigorosamente universitária, capaz de produzir análises extremamente objetivas, com uma forte personalidade humana, que vivifica cada palavra.” (Revista VISÃO, 1970, p.190). O que é possível aprender acerca do campesinato brasileiro, do mundo rural e até mesmo de uma possível

³ Um trabalho de qualidade que aprofundou aspectos sócio-históricos do autor e da obra “Os Parceiros do Rio Bonito” foi realizado com bastante competência e esforço por Luis Fernando Jackson (2002) em “A Tradição Esquecida”.

agricultura familiar a partir da tese em Ciências Sociais realizada por esse autor, que no ano de 2008 completou 90 anos de idade, é a intenção desse trabalho.

A Tese, o Livro e o Autor

Quando defendeu a tese no ano de 1954, trabalho que originou o livro: “Os parceiros do Rio Bonito”, Antonio Candido já era doutor, pois a livre-docência em letras adquirida com pesquisa e estudo a respeito de Sílvio Romero o tornava automaticamente também doutor nessa área, segundo Candido: “[...] eu já era doutor em letras quando fiz ‘*Os parceiros do Rio Bonito*’. A tese sobre Sílvio Romero, ao me dar livre-docência, me deu automaticamente o doutorado em letras. Pelo menos naquele tempo era assim.” (JACKSON, 2002, p.133).

É curioso notar os períodos e momentos temporais em que se contextualiza a tese de Candido. Momento considerado de *modernização*, colocado em prática pelo projeto denominado *nacional desenvolvimentismo*, em que se vivia no Brasil à época (tanto momento da escrita da tese como da publicação da mesma em livro). Mal iniciava o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira e em 1956 o Brasil apresentava pela primeira vez o setor secundário da economia ultrapassar em volume e recursos a produção de riqueza econômica – e conseqüentemente, em importância política – o setor primário. Paradoxo curioso segundo constatou Alfredo Bosi, crítico literário ex-aluno de Antonio Candido, justamente nesse mesmo ano, em que o diplomata, médico e romancista João Guimarães Rosa lançava a antológica obra “Grande Sertão: Veredas”.

Considero-a, aliás, como o grande paradoxo no Brasil desenvolvimentista. Em 1956, ano de publicação da obra-prima “Grande Sertão: Veredas” aconteceu também o início da grande arrancada para o desenvolvimento, através do governo de Juscelino Kubitschek. Ora, no instante em que a escala de modernização está tomando conta de todos os setores da vida nacional, surge um romance que fala de jagunço, não como de algo nostálgico ou morto, mas como uma presença no interior da vida brasileira. Guimarães Rosa fala de uma cultura sertaneja como a mais digna de ser prezada e amada-cultura rústica, cujos traços e filosofia ele conhecia profundamente. (Revista VEJA, 1975, p.04).

Antonio Candido antecipa em dois anos com a defesa de sua tese em 1954, algumas dessas constatações presente em Rosa. Como se sabe, sob aspectos bem diferentes, pois Candido se diferencia do romance de Guimarães Rosa com uma proposta de análise sócio-antropológica.

Candido traz sugestões e considerações para intervenção direta na realidade por ele descrita e encontrada, entre outras: a necessidade de reforma agrária com meio e forma de resolução de conflitos e de problemas sociais (pobreza rural), possibilitando reprodução do modo familiar de vida, e até mesmo a perpetuação do folclore e cultura caipira. Facilitar a manutenção da dieta e do cardápio alimentar é também objetivo de executar como medida de planejamento e ação estatal o acesso à propriedade da terra, seria essa uma das maneiras de se garantir o que mais atualmente chama-se de segurança/soberania alimentar.

O número de cópias da tese defendida por Candido em 1954 limitaram-se a seis, para os membros da banca, sendo que o autor manteve durante bom tempo, dúvida a respeito da qualidade do seu trabalho e se deveria ou não transformá-lo em livro, quando então é publicado pela primeira vez, em 1964. Como a análise de Candido ao aspecto da reforma agrária foi realizada em 1954, o debate sob tema em menos de uma década popularizava-se e a obra não servia para determinados grupos sociais como inspiração na busca de colocar evidência da reforma agrária aos caminhos de desenvolvimento do país. O que antes era uma posição do autor a respeito das resoluções dos problemas sociais – a necessidade da reforma agrária – defendida na conclusão do seu trabalho; torna-se momento de intenso debate nacional e uma das motivações para militares e civis derrubarem e tirarem o presidente João Goulart em 1964, que havia sido vice-presidente de JK no período de 1956-1961. Inicialmente o livro de Candido será visto e entendido como mais uma obra com posições conservadoras, principalmente por apresentar apenas ao final do livro a convicção da necessidade de democratização do acesso e da propriedade a terra no Brasil, sem colocar, contudo, a questão ao longo do texto e apenas apresentada ao final, o que parecia um contra-senso ao período da publicação da obra.

Entre as críticas tecidas na época, referia-se a tese de Candido mais como uma diletantismo acadêmico, sendo provavelmente os críticos aqueles que gostariam de encontrar desde o começo e em todo o livro a questão da reforma agrária como central e primordial no debate do tema, embora a pesquisa não deixe de abordar outros problemas sócio-culturais, destaque para alimentação, mas temas fora a reforma agrária não pareciam atrativos aos movimentos sociais de então. No mesmo ano de publicação em livro, o golpe civil-militar retirava da nação as condições mínimas e básicas de um estado de direito democrático e modificava a prática de governar regido sob o prisma republicano. Nesses momentos de rearranjos das disputas e busca de poder, outro

intelectual da época que criticava o problema do acesso a terra, focando a questão da fome e da alimentação insuficiente nutritiva, era o geógrafo e médico Josué de Castro, que teve seus direitos político-civis cassados pelo regime instaurado pós-abril de 1964. Josué de Castro, a quem Candido cita algumas vezes em “Os Parceiros do Rio Bonito”, teve suas obras e textos censurados e proibidos no Brasil, por suas ações políticas e trabalhos acadêmicos realizados em universidade, exilando-se na França.

Assim, nesse contexto de: golpe e ditadura militar, rápido processo de urbanização e sobreposição do setor secundário ao setor primário da economia nacional, acompanhado pela demonstração da face “anti-democrática” da elite brasileira, bem como a modernização conservadora do agro-rural nacional caracterizaram os momentos da pesquisa, escrita, defesa e publicação de “Os Parceiros do Rio Bonito”. Características fundamentais do Brasil, da década de 1950 a 1960.

As duas obras clássicas, respectivamente de Antonio Candido e Guimarães Rosa, inseridas naquele contexto, não são observações desinteressadas e desligadas dos seus momentos e tempo social. Retratam um Brasil em que cidades começavam a cada vez mais dar o tom dos aspectos modernos, período em que se construiu, por exemplo, uma nova capital no País no planalto central e em que desenvolvimento era sinônimo de industrialização, crescimento econômico, aumento da produtividade e *tecnificação* da produção agrícola.

Porém, é bom lembrar, não havia por parte de Candido um engajamento político⁴ proporcional a crítica efetuada por ele mesmo, muito pelo contrário; Candido esteve afastado do País no ano em que fora publicado pela primeira vez “Os Parceiros do Rio Bonito”: “Eu não tinha simpatia pelo Jango, mas votei pela volta ao presidencialismo e fiquei entusiasmado com as formulações do Comício da Central do Brasil em março de 1964, que denominei “Plataforma do Brasil Futuro”. (Revista TEORIA E DEBATE, 1988, p.08). E continua seu depoimento sob o vivido na época da implantação da última ditadura brasileira: “Mas andava meio desinteressado, muito absorvido pelas minhas novas atividades de professor de Teoria Literária na USP. E de 1964 a 1966 estive na França como professor de Literatura brasileira.” (Ibidem).

⁴ É claro que Candido atuou em constante engajamento e preocupação política ao longo de sua trajetória, até mesmo apresentando consciência muito mais prudente do que a esquerda antes de 1964. Segundo Rezende (2006, p.463): “Em sua inflamada postura de militante socialista, ele [Antonio Candido] procurava chamar a atenção para o fato de que o desprezo pela liberdade e pela democracia, muito comum aos militantes comunistas, poderia ajudar a pavimentar caminhos ditatoriais que se punham num horizonte, infelizmente, não muito longínquo, como demonstrou a história.”

Obra que retratava um rural no momento em que o País buscava se modificar pela via urbana, “Os Parceiros do Rio Bonito” transforma em vivo a modernização e problemáticas advindas com a *revolução verde*, descrevendo um bairro do interior paulista, de como esse período forja elementos de uma sociedade autoritária e que colocou em crise os elementos da organização social da comunidade investigada por Candido. É, portanto, o retrato e invenção de um rural brasileiro que se queria urbano, ou ao menos, moderno. Não é por outro motivo, na última parte do estudo, que Candido dedicou-se a apresentar as situações configuradas e formadoras da crise do modo de vida caipira, parte delas advindas com o processo de urbanização e concentração da propriedade da terra que agravava a situação.

Economia fechada, equilíbrio mínimo e rusticidade: o que tem a ver Alexander Vasilievich Chayanov com isso?

Para compreender o caipira e os aspectos culturais e econômicos que envolvem a sociedade que o constitui, Antonio Candido descreve os elementos e características peculiares envolvidas à questão da *subsistência*. Qual o modo de vida caipira e como se constitui a dinâmica de interação entre ambiente natural e práticas humanas? Ajustando-se ao meio ecológico e social, anteriormente existente a sua chegada, o colonizador português (e europeu de modo geral) adaptou-se através das condições tecnológicas trazidas por ele e da maior parte das formas técnicas de lidar com o meio adotadas dos autóctones, o ajustamento resultou em comensalismo entre europeu (e depois o paulista) com meio sócio-ambiental existente. Com base no estudo de Sérgio Buarque de Holanda, Candido aponta como o resultado desse “encontro”, conflito e intersecção formou-se aspectos de uma sociedade e organização econômica cultural denominada por Candido como rústica. Expressão do processo que atualmente chamaríamos de *hibridização cultural*, o rústico engloba o universo das culturas tradicionais das pessoas do campo brasileiro; entre esses personagens: o caipira, que é resultado “[...] do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígene.” (CANDIDO, 2001, p.26).

Esse modo de vida caipira apresenta em termos econômicos, características que podem ser relacionadas e colocadas em diálogos com aspectos do padrão de organização familiar camponesa proposto por Alexander Chayanov. Descrições

realizadas por Candido podem para nós, constituir paralelos interessante e possíveis de comparação, debatidos entre outros aspectos da Sociologia rural, mais particularmente do padrão e organização sócio-econômica denominada de agricultura familiar; como os aspectos presentes em “Os Parceiros do Rio Bonito”, selecionados aqui: economia fechada, equilíbrio mínimo e rusticidade.

Na relação entre grupos sociais, o substrato (meio) físico é quem possibilita e resulta dos vínculos e formas de organização social, em outras palavras, determinadas organizações sociais condicionam e organizam as maneiras de exploração dos meios naturais como forma de atender suas próprias demandas, assim “vai o meio se tornando, cada vez mais, reflexo da ação do homem na dimensão do tempo” (CANDIDO, op.cit, p. 30). Na cultura caipira, Candido denominou como resultado da intersecção desse grupo social com respectivo meio de: *equilíbrio mínimo*. Esse é resultado do processo de inserção temporária do colonizador ao interior da América portuguesa, ou do que era denominado de entrada aos “sertões”. Com intenção de aprisionar indígenas para escravidão ou em busca de metais, os descendentes de portugueses não fixavam práticas agrícolas ou técnicas de produção alimentar, pelo caráter temporário, instantâneo e passageiro das diferentes entradas e deslocamentos pelo território, tornaram as práticas e necessidades dos recursos de sobrevivência como as mínimas possíveis. A intenção de caçar indígenas e explorar outras riquezas, não demandavam muito tempo necessário para fixar uma agricultura consistente, a solução encontrada limitou-se a semear e colocar mudas de algumas culturas enquanto iniciava-se os deslocamentos e no retorno ocorria colheita e alimentação a partir do: milho, mandioca, feijão; formadores do tripé básico desse consumo. De maneira simplificada: a mentalidade colonizadora associou-se aos conhecimentos que os indígenas já possuíam da terra; dessa associação entre *bandeirante* e indígena, surge o equilíbrio mínimo:

A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputaríamos hoje precário), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência. (CANDIDO, op.cit, p.46).

Pode-se entender a rusticidade pela a expressão cultural das práticas, cotidianos e meios de vida do caipira, quando exercia o mínimo vital. Já a economia fechada, caracterizava-se pela temporalidade das práticas de trocas, comercialização e

mercantilização de aspectos da vida social realizadas no interior da comunidade ou da micro-sociedade caipira, isso significa, práticas de trocas no domínio da autonomia local no que se refere à sociedade mais abrangente. É o que também denomina Cândido de *economia particular*, centralizada na vida de bairro e baseada na subsistência, em oposição à *economia geral*. A *economia particular* apresenta relações intra-comunidade que por si mesmas resolvem, organizam e configuram trocas; são raros os objetos e necessidades para além da própria sociedade do equilíbrio (mínimo), o que também auxilia caracterizar por sua vez, a sociedade local como rústica. A economia fechada torna existente o modo caipira enquanto reprodução social dessa forma de viver, e parecia ser também o elemento principal diferenciador – na época em que Cândido efetuou seus estudos e trabalhos em campo – entre o sitiante (como “pequeno agricultor”) e o fazendeiro (proprietário) de grandes extensões de terra.

É interessante perceber que, mesmo Cândido não fazendo referência explícita e direta ao padrão camponês e sua vinculação autônoma, independente ou inserida nos mercados e sistema financeiro mais complexo, o autor busca diferenciar proprietários de fazenda dos sítiantes em termos econômicos. O trecho citado abaixo se refere às diferentes maneiras de lidar com a produção e a posse da terra:

Os proprietários de fazendas de cana, gado ou, depois, café formavam uma camada permeável às atividades de troca – vendendo, comprando produtos e, deste modo, se ligando ao mercado, cujas alterações sofriam com mais sensibilidade. Os proprietários do tipo sitiante ora seguiam esse ritmo ou se ligavam ao dos cultivadores instáveis, não vendendo, como eles, o produto de sua lavoura senão em escala reduzida e de modo excepcional. Esta segunda categoria, de sítiantes, posseiros e agregados, é que define planamente a economia caipira de subsistência e a vida caracterizada pela sociedade dos bairros [rurais]. (CANDIDO, op. cit, p. 103).

O caipira típico foi o que formou essa vasta camada inferior de cultivadores fechados em sua vida cultural, embora muitas vezes à mercê dos bruscos deslocamentos devidos à posse irregular da terra, e dependendo do bel-prazer dos latifundiários para prosseguir sua faina. (CANDIDO, op. cit, p.106).

Com esses trechos de Cândido é possível perceber e destacar dois pontos importantes:

1º) do ponto de vista econômico, o sitiante configura-se como apto as relações com o mercado, é aquele que se insere ou configura relações mercantis de acordo com seus próprios processos de produção, bem como dinâmica (e demanda) interna ao

próprio grupo familiar, como intenção e necessidade de consumo, por exemplo. As necessidades o fazem atuar mais, ou menos nos mercados;

2º) sertanejos ou sitianteiros podem acompanhar o ritmo e formas de trocas realizados pelos fazendeiros; os fazendeiros e proprietários de terra também se inserem (e participam) da cultura e dos costumes caipiras. Relacionados sob os mesmos signos e inseridos na mesma ordem e símbolos morais, os sitianteiros e fazendeiros dividem a rusticidade de acordo com suas formas específicas e particulares. Aqui vale ressaltar que embora tenha ocorrido diferenças de grau de rusticidade entre fazendeiros e sitianteiros, ambos formavam na época das pesquisas de Candido, certo imaginário caipira comum. Pequenos proprietários, grandes fazendeiros e trabalhadores rurais de forma bastante semelhante, relacionam-se com diferenças de intensidade e de grau com os mercados, intra e extra comunidade, mas compartilham a mesma cosmologia e práticas culturais.

Entretanto, também lembra Candido, mesmo dividindo e formando uma mesma organização social (a vida caipira): “O parceiro embora tenha padrão de vida equiparável ao do pequeno sitiante, e mais dignidade social que o salariado, é de certa forma um **proletariado rural**, pela limitação da autonomia, a mobilidade espacial, a atrofiação da vida cultural, já que a cultura caipira é em grande parte uma cultura de bairro”. (CANDIDO, op. cit, p.118). (grifo nosso)

Características essas que “reprimem” socialmente e condicionam ao pequeno sitiante, formando um ambiente hostil em que os mesmos estão inseridos e que não são as mesmas condições adversas quando se trata do padrão produtivo dos fazendeiros e grandes propriedades. Para compreender também aspectos do caipira, torna-se interessante propor paralelo com a teoria *chayanoviana da agricultura familiar*.

Unidade familiar não assalariada

Poucos têm superado a brilhante reflexão⁵ ou conseguido dizer de maneira tão clara e evidente, o que diagnosticou Alexander Chayanov a respeito do que foi por ele considerado e denominado unidade econômica familiar não assalariada. Constatou – após observar a Rússia – Chayanov, que havia uma peculiaridade na família camponesa

⁵ Segundo Maria Nazareth Wanderley (1998, p.29): “É Chayanov quem elabora uma proposta teórica original de compreensão dos processos internos de funcionamento das unidades familiares de produção na agricultura, e ele o faz baseado em uma intensa atividade de pesquisa sobre o campesinato russo, realizada pela Escola da Organização da Produção.”

que a tornava relativamente independente da lógica da economia macro da sociedade: o consumo e a produção estavam estabelecidos de maneira a equilibrar ambos nas energias e relações de depósitos pela família, através de dependência mútua entre esforço de trabalho e resolução de demandas de consumo. Traduz-se na prática do cotidiano pela penosidade do trabalho e da satisfação social das necessidades em consumir. Sinteticamente, Chayanov chama atenção com a seguinte tese a respeito do que hoje também pode-se traduzir grosseiramente em aspectos e características da agricultura familiar:

Exaustivos estudos empíricos das explorações camponesas na Rússia e outros países nos permitem estabelecer a seguinte tese: o grau de auto-exploração é determinado por um peculiar equilíbrio entre a satisfação da demanda familiar e a própria penosidade do trabalho. (CHAYANOV, 1981, p.138-139).

Isso significa aumento ou diminuição do trabalho familiar de acordo com as duas variáveis: a) consumo, que é a necessidade ou importância para satisfação dos membros da família em acessar materiais externos ou internos a propriedade, ambos demandam organização do trabalho; b) penosidade do trabalho para obter e alcançar as demandas de consumo (ou seja, penosidade do trabalho para consumir). São essas as duas principais variáveis que direcionam o trabalho da família agrícola – associadas obrigatoriamente à condição demográfica da mesma – o que a torna peculiar em relação às demais organizações econômicas, como aquelas baseadas principalmente em produzir capital. Esses são aspectos, afirmava Chayanov no início do século XX, da produção agrária não baseada na forma estritamente capitalista.

A nossa proposição lança a idéia de que o caipira de Antonio Candido, parceiros descritos na primeira metade da década de 1950, significa uma versão brasileira do observado na Rússia por Chayanov: a rusticidade é o ambiente construído em que se insere o caipira; a economia fechada é a organização produtiva do trabalho, das trocas internas, de uma economia não necessariamente monetarizada por ser fortemente baseada em formas internas de trocas e, por último, o equilíbrio mínimo representa o consumo do ponto de vista semelhante ao que havia dito Chayanov. A satisfação entre demanda de consumo e resolução dessa demanda (o trabalho), configurou o equilíbrio mínimo do modo caipira viver. É também o equilíbrio com o meio biológico e natural do caipira que possibilita a economia fechada.

Em termos mais propriamente teóricos e conceituais, é curioso notar, para satisfação dos críticos a Chayanov, que Candido considera muito mais o capitalismo, a

urbanização, o contexto e meio sócio-econômico em que se insere o modo caipira, do que havia feito Chayanov a respeito da unidade familiar não assalariada. Em outras palavras, enquanto Candido identifica a expansão da lógica capitalista como importante fator da desagregação do modelo caipira, Chayanov entende a unidade familiar não assalariada como relativamente independente ou autônoma das condições do meio social. Possíveis paralelos observados e aproximações a respeito da comparação entre as obras e perspectivas de Antonio Candido e Alexander Chayanov são apresentados de maneira esquematizada no Quadro 1 (abaixo):

a)	CANDIDO	a)	CHAYANOV
b)	Destaque para rusticidade.	b)	Peculiaridade econômica e cultural internalizada na família.
c)	Caipira do interior do Estado de SP.	c)	Camponeses russos.
d)	Não proprietários de terra, formadores dos bairros rurais. Inseridos no capitalismo.	d)	Proprietários de pequenas e médias parcelas de terras, comunidades camponesas. Não capitalistas.
e)	Equilíbrio mínimo.	e)	Equilíbrio entre consumo e penosidade do trabalho.
f)	Economia fechada variando em grau de inserção e troca com o mercado exterior a comunidade e ao meio social dos bairros rurais.	f)	Economia relativa. Quando fechada: consumo e satisfação são obtidos no interior da família e da propriedade, com menor penosidade de trabalho. Quando economia aberta: consumo exterior a propriedade exige mais dedicação do trabalho (maior) penosidade para atingir a satisfação.
g)	Perda da possibilidade em alugar a terra e atuar em parceria, devido maior valorização e capitalização terra. Capitalismo desorganiza condições sociais já precárias e flexibiliza relações de trabalho, antes mais pessoais e baseadas na reciprocidade. Emprego nas grandes fazendas e propriedades mecanizadas, <i>tecnificadas</i> e outras relações advindas com a modernização conservadora do agro-rural brasileiro.	g)	Coletivização forçada das propriedades realizada pela URSS. Supressão e proibição da livre comercialização por parte dos camponeses tanto da produção com também da venda ou compra de terras (e propriedades). O Estado como principal indutor das alterações e modificações; criador de grandes cooperativas e indústrias rurais monopolistas da produção, distribuição e do lucro. Repressão pelo Estado autoritário.
h)	Urbanização e expansão capitalista, eliminando modo de vida caipira.	h)	Industrialização, produção de cereais e submissão do campo aos interesses do comando político partidário do regime soviético.

i)	Candido após realizar esse estudo e defender a tese, volta-se ao campo da literatura e crítica literária	i)	Perseguido e exilado (enviado para Sibéria), Chayanov é assassinado por ordem do governo bolchevique da URSS
----	--	----	--

Nessa tentativa de aproximar Candido e Chayanov e buscar, possivelmente, pontos de discordância e concordância, faz-se uma espécie de exemplificação a seguir, aplicando Candido como “ilustrador” de Chayanov e elementos de Chaynov para sintetizar Candido. Vejamos uma tentativa de síntese na seguinte situação abstrata: família camponesa russa da época de Chayanov (e do caipira à época de Candido) organizadora de sua produção em certo equilíbrio mínimo. Unidade familiar não assalariada, poderia ocorrer a busca por consumo e resolução de necessidades não adquiridas naquele equilíbrio mínimo (intra propriedade). Assim quando novas e diferentes intenções de consumo são buscadas, pode-se dizer que o equilíbrio mínimo se rompe. Ao ocorrer esse processo, a economia diminui seu grau de fechamento (interno), pois houve a busca de resolução da necessidade que se encontra externa à propriedade e à organização social local. Consumo e busca por produtos exteriores ao ambiente rústico, necessitam do aumento de trabalho e do grau de penosidade do mesmo, é a lógica familiar e seus membros quem irá investir (e decidir) na maior penosidade e trabalho para alcance de bens a consumir ou não.

A intenção em sugerir paralelo entre autores diferentes é apenas uma das maneiras de colocar a questão: em que se parece às peculiaridades e particularidades descritas por Chayanov a respeito da unidade familiar não assalariada e os parceiros (caipiras) estudado por Candido? Antes de se chegar às considerações finais desse artigo, aponta-se alguma síntese das reflexões de ambos pesquisadores do rural. Nos diz Antonio Candido a respeito do que encontrou e das suas análises em Bofete-Rio Bonito, localidade em que realizou suas observações em campo. É importante dizer que:

[...] a cultura caipira foi apresentada em função dos níveis mínimos, mas organicamente entrosados, de subsistência e vida social, exprimido um tipo de economia semi-fechada. Esta foi caracterizada pela estrutura dos agrupamentos de vizinhança e o equilíbrio mínimo instável com o meio, obtido por técnica rudimentar. (CANDIDO, op.cit, p.203).

A respeito de Chayanov, é preciso entendê-lo um pouco mais. Vale lembrar que a tentativa de traçar paralelos com as obras e idéias de Chayanov é algo não tão incomum, como buscou realizar, por exemplo, David Lehmann (1980) traçando comparações entre Lênin e Chayanov no texto intitulado: “Ni Chayanov ni Lenin:

apuntes sobre la teoría de la economía campesina”. Embora atualmente Chayanov seja a referência mais longínqua em termos de discussões acerca da agricultura familiar, ou da teoria social do campesinato, o próprio Chayanov considerava, segundo afirmou Basile Kerblay (1981, p.87), V. A. Kosinski⁶ o pai espiritual da escola de economia do campesinato, principalmente porque fora esse o primeiro a refletir e desenvolver com maior desenvoltura e profundidade, as reflexões acerca dos problemas da distinção entre economia do campesinato e a economia capitalista. Contudo, ainda permanece Chayanov como sendo um dos principais e primeiros autores a se interessar por relações entre a agricultura e outras atividades não agrícolas.

O período em que escreve seus trabalhos, suas observações e realiza a construção de sua teoria é o momento de predominância de análises e diagnósticos sobre a economia moderna na Rússia baseados no padrão do capital, contexto de explicação de grande parte dos fenômenos econômicos pelo único e exclusivo viés da economia capitalista. Quem alertava para os vícios de análise da época, era o próprio Chayanov (1981, op.cit, p.133): “Na moderna teoria da economia nacional tornou-se costume pensar todos os fenômenos econômicos exclusivamente em termos econômicos capitalistas.” Seria Chayanov a principal voz dissonante ao período, chamando atenção a demais aspectos da economia de seu país, principalmente aquelas formas e prática não necessariamente e exclusivamente capitalistas, apontando assim, graves limitações das vertentes marxistas?

Para aqueles socialistas científicos da ditadura do proletariado – que pareciam buscar implementação total se suas hegemonias teórico-políticas – Chayanov possuía penetração nas agências governamentais ligadas à agricultura e influenciava por demais a ação Estatal, bem como encontrava boa receptividade na imprensa, na circulação de idéias e na mídia da época, em geral. Isso era ao menos o que parecia sugerir o chefe máximo da nação, Josef Stálin, que em uma operação de tentativa de asfixiamento do “populista” e “anti-científico” Chayanov, pretendia trazer à tona (e em substituição à Chayanov) as análises dos pais fundadores do marxismo. Afirmava Stálin:

A única coisa que não se compreende é o porque dessa teoria anticientífica dos economistas “soviéticos” do tipo Chayanov circular

⁶ Segundo Basile Kerblay (1981, p.87-88): “Em curso de A. I. Chuprov, impartido em Paris em 1904 ne la Escuela superior rusa de ciencias sociales, sobre las ventajas de la pequenã explotación y los métodos que permitirían modernizarla es probablemente una de las primeras manifestaciones de esta corriente de pensamiento. Pero A.V. Kosinski va mucho más lejos al plantear el problema de las distinciones entre la economía campesina y la capitalista en términos que hicieron rechazar el debate con los marxistas en el terreno de la teoría económica, y no sólo en el plano político. Es por esta razón que **Chayanov lo considera como el padre espiritual de la escuela de la economía campesina.**” (negrito nosso).

livremente em nossa imprensa e os geniais trabalhos de Marx, Engels e Lênin sobre a renda do solo e sobre a renda absoluta do solo não se popularizarem e destacarem em primeiro plano, mas permanecerem arquivados. (STÁLIN, 1981, p.172).

O que parecia não ser compreendido por parte dos marxistas, ou melhor o que esses não desejavam entender sobre as análises de Chayanov, era de que o campo não estava necessariamente e totalmente submetido às lógicas de produção baseadas no capital. E o que mais os marxistas pareciam buscar entender (e ainda hoje assim se parecem) – as conseqüências do capitalismo nas esferas do social – não fazia sentido na perspectiva de Chayanov, pois havia circunstância em que o capitalismo não só não “havia dominado”, como as lógicas eram outras; criticava Chayanov (1981, p.165):

Todos os princípios de nossa teoria – renda da terra, capital, preço e outras categorias – formaram-se dentro do marco de uma economia baseada no trabalho assalariado, que busca maximizar lucros (ou seja, a quantidade máxima da parcela de renda bruta que resta, após se deduzirem os custos materiais de produção e os salários). Todos os demais tipos (não capitalistas) de vida econômica são vistos como insignificantes, ou em extinção; no mínimo considera-se que não têm influência sobre as questões básicas da economia moderna e não apresentam, portanto, interesse teórico.

Há que se problematizar então, aqueles que ainda nos dias de hoje, insistem em utilizar à diversa contribuição de Chayanov como uma espécie de “ressalva” das análises realizadas sob a ótica do capitalismo. Parece haver, em certo sentido, desvirtuação e manipulação de alguns elementos da reflexão do agrônomo e economista russo de maneira a incluir suas análises no determinismo do capitalismo, sem levar em conta que justamente o que Chayanov afirmava era a existência de limitações que permaneciam apenas na análise do capitalismo, como ele constatou:

Não conseguiremos progredir no pensamento econômico unicamente com as categorias capitalistas, pois uma área muito vasta da vida econômica (maior parte da esfera de produção agrária) baseia-se, não em uma forma capitalista, mas numa forma inteiramente diferente, de unidade econômica familiar não assalariada. (CHAYANOV, 1981, p.165)

Insistimos. Por que a dificuldade em não avançar no pensamento em termos de reflexão econômica, se limitarmos as categorias capitalistas? Quem diz é Chayanov, há outras lógicas e diversidade de vida econômica que estão assentados em outras formas de produção, que não a capitalista. Por isso mesmo, tecemos crítica aos críticos de Chayanov, que afirmam a limitação do mesmo por permanecer no erro em insistir demasiadamente na organização interna da unidade econômico camponesa. Ou como

afirmou Basile Kerbaly (1981, p.116) a respeito de algumas análises realizadas sobre os estudos e teorização de Chayanov: “[...] los marxistas lo criticaram por considerar la economia campesina sin tener en cuenta el ambiente social.” Esse entendimento da limitação do dito de Chayanov necessita um pouco mais de cuidado. Afinal não é que Chayanov não tenha percebido em qual conjuntura ou circunstância se insere a unidade familiar camponesa, é que a inserção não se dá necessariamente e nem sempre apenas na economia capitalista! Mesmo que vivam no capitalismo, pode (co)existir racionalidades e mesmo práticas entre camponeses que não visam o lucro em si como principal fator, mesmo que produzam mercadorias e bens.

Quando campesinato trabalha, organiza a produção e segue suas lógicas de consumo de maneira a satisfazer uma demanda própria, ou seja, produz para si mesmo o alimento, cultiva a subsistência e segue a tendência de resolver primeiramente de maneira auto-suficiente seu consumo interno, está com essas lógicas “retardando” a capitalização do seu dia-a-dia. Exercendo suas autonomias simbólicas e sociais, o camponês diminui suas possíveis fragilidades no capitalismo. Exerce dessa forma, organização econômica voltada para si mesmo, com dinâmica (não necessariamente) própria, condição que levou a economistas marxistas a denominarem de “economia natural”. Essa constatação é também o que aproxima e diferencia teoria marxista com a chayanoviana. A aproximação é sutil, no sentido de ambos reconhecerem uma lógica interna própria do campesinato, não exclusivamente capitalista, porém, o que para marxistas parece ser “pré-capitalismo” ou submetido ao mesmo, para Chayanov é autonomia no capitalismo ou outra forma de produção, em que está implícita a auto-exploração familiar na geração e dinâmica (do tom e) dos aspectos do trabalho familiar.

No texto intitulado “Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas”, Chayanov reconhece logo de início o domínio, o predomínio e a capacidade de abrangência financeira e mercantil do capital na conjuntura-mundo, porém faz o alerta, não sem antes aceitar a tese da abrangência internacionalmente identificada do capitalismo:

No que diz respeito a inegável dominância do capital financeiro e mercantil no comércio mundial e ao inegável papel que desempenha na organização atual da economia mundial, temos que aceitar essa última tese. Mas de maneira nenhuma devemos entender sua aplicação a todos os fenômenos de nossa vida econômica. (CHAYANOV, 1981, p.165).

Para aqueles que buscam um diálogo maior entre aspectos culturais, modos de vida e o marxismo, vale dedicar-se à leitura de Antonio Candido. Já um olhar muito mais focalizado na busca da construção de uma teoria acerca do campesinato com lógicas não totalmente capitalistas, vale se ater em Chayanov. Agora para colocar em diálogos os dois autores, é necessário ainda estudo comparativo mais detalhado.

Considerações Finais

Que Chayanov e Candido ainda sejam utilizados em textos e interpretações acerca do rural não é incomum, mas em que se parecem? E o que os diferencia? É possível aprendizado e comparação dos escritos e aspectos das obras de autores tão separados espacialmente e temporalmente? A permanência das contribuições das obras e análises de Candido e Chayanov se expressam na atualidade quando ocorre referências a ambos por pesquisadores que buscam construir, decifrar e entender a diversidade das formas familiares de produção e da agricultura familiar em particular, como o bem fez Sérgio Schneider e Paulo A Niederle (2008), apropriando-se da noção de modo de vida de Antonio Candido e resignificando aspectos teóricos de Chayanov, buscando eleger aspectos particulares da agricultura familiar.⁷

A tentativa com esse trabalho foi de permanecer com os pés em duas canoas,⁸ uma representada por Candido e outra por Chayanov. É certo que nesse processo de escrita selecionou-se alguns aspectos da obra de Candido, que podem ser criticados por terem sido trazidos de maneira “congelada”, afinal, a rusticidade, a economia fechada e o equilíbrio mínimo são aspectos descritos n’Os Parceiros do Rio Bonito como em certa medida superados pela inserção do moderno capitalismo, naquele grupo estudado por Candido. Ou seja, embora elementos formadores do caipira, é Candido quem apresenta na obra a lenta perda da rusticidade, da economia fechada e do equilíbrio mínimo, condições que antes poderiam ser as principais características do aspecto daquele rural.

Na intenção de exercício reflexivo, a proposta foi resgatar algumas dessas concepções “superadas” na organização caipira e compará-la ao que havia dito

⁷ SCHNEIDER, Sérgio; NIEDERLE, Paulo André (2008). “Agricultura Familiar e Teoria Social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura.” **Simpósio Nacional sobre o Cerrado e o II Simpósio Internacional sobre Savanas Tropicais**. Ver especialmente p.41 a respeito de Candido e p.45 Chayanov.

⁸ Expressão de Antonio Candido referente a sua dupla formação e atuação profissional: “Sua dupla formação, em sociologia e literatura contribuíra, vigorosamente para que assumisse a posição que gosta de condensar numa imagem: ‘Estar sempre com o pé em duas canoas’.” Revista VEJA, 1975, p.03.

Chayanov a respeito da organização familiar agrícola não assalariada, o autor russo aborda o campesinato a partir do funcionamento e das estratégias de reprodução que o camponês utiliza no âmbito de sua propriedade, atuando e fazendo suas escolhas econômicas. Pode-se ver um caipira, sertanejo, sitiante e até mesmo a agricultura familiar representada nos escritos de Chayanov? O que se tentou mostrar nesse trabalho é que sim e mais ainda se relacionado a aspectos também estudados por Candido, particularmente no que se refere ao campesinato brasileiro.

Segundo Chayanov, o camponês torna possível a sua própria existência social devido às formas práticas de organizar a produção e as decisões econômicas seguidas, permanecendo e co-existindo em heterogêneas condições e formações sociais, portanto, é o camponês quem cria e faz sua própria reprodução. Da mesma maneira, pode-se dizer, a reprodução social do campesinato, segundo diagnóstico de Chayanov, é dependente da forma com que o camponês organiza a sua unidade de produção e das decisões econômicas tomadas, já o ambiente no qual está inserido não é o foco principal da análise do autor russo, e sim do brasileiro. Portanto, em Chayanov o ambiente social é construído pelo próprio camponês em seu domínio ou propriedade, o que n'Os Parceiros do Rio Bonito torna-se quase impossível, afinal nem acesso garantido à propriedade esses sítiantes possuíam. Constatou Chayanov as unidades econômicas camponesas familiares atuando ou não a partir da racionalidade econômica capitalista, tornavam possível a presença de sua autonomia a partir de práticas dependentes: trabalho e consumo. Certa "independência camponesa" *chayanoviana* pode ser apresentada no conjunto heterogêneo de sociedades, como entendê-la e encontrá-la no "Os Parceiros do Rio Bonito" é ainda reflexão a ser levada a cabo.

Dessas estratégias de reprodução social utilizadas pelo camponês, Chayanov nos apresenta alguns, sendo as principais: as estratégias produtivas (intensificação do trabalho), estratégias fundiárias (arrendamento de terras) e a estratégia de utilizar mão-de-obra fora da propriedade (trabalhadores além membros da unidade familiar de produção).

Essa tentativa do traçar paralelo Candido e Chayanov pode ter sido reflexão inicial, mas, por isso mesmo, em certo sentido, desafiadora. Buscou-se apontar traços e esboços para maiores detalhamentos e descrições acerca da vida agrícola, organizações econômicas e aspectos do mundo rural, sejam eles no Brasil da primeira metade do século XX, da Rússia no início da revolução comunista ou de referências teóricas

possíveis de serem traçados mesmo tratando-se de uma bibliografia clássica e de temas universais, envolvidos na relação do ser humano com sua produção de existência, no trabalho da terra e produção agrícola. E que na atualidade do início do século XXI ainda tem muito a nos dizer.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Ed Duas Cidades; Ed 34, 2001.

CANDIDO, Antonio. “Sergio Buarque de Holanda, por Antonio Candido”. In: COSTA, Marcos (Org). **Por uma nova história**, Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p.161-162.

CARNEIRO, Maria José. “Em que consiste o familiar da agricultura familiar?” In: CARVALHO, Luiz Flávio de [et al]. **Mundo rural brasileiro**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica (RJ): Edur, 2008. p. 254-269.

CHAYANOV, Alexander V. “Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas”. In: SILVA, José Graziano; STOLCKE, Verena (Orgs). **A questão agrária**. Weber, Engels, Lênin, Kautsky, Chayanov, Stálin. São Paulo: Ed brasiliense, 1981. p.133-163.

FERNANDES, Florestan. “O mestre exemplar”. In: D’INCAO, Maria Ângela; SCARABOTOLO, Eloisa Faria. “**Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido.” São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1992. p. 33-36.

JACKSON, Luis Carlos. **A tradição esquecida**: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: Ed UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.

KERBLAY, Basile. “A.V. Chayanov: su vida, carrera y trabajos”. In: ARICÓ, José (Org). **Chayanov y la teoría de la economía campesina**. México: Siglo XXI, 1981. p. 83-137. (Cuadernos de pasado y presente ; 94) ISBN 9682310504.

LEHMANN, David. “Ni Chayanov ni Lenin: apuntes sobre la teoría de la economía campesina”. **Estudios Rurales Latinoamericanos**. Bogotá, v. 3, n. 1 (ene./abr. 1980), p.5-23.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. “Antonio Candido e os Parceiros: para além do dualismo.” **Revista Esboços**, n. 15, Centro de Filosofia e Ciências Humanas CFH-UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.25-44.

METT, Ida. **O camponês russo**, durante e após a revolução. Porto [Portugal]: Editora a Regra do Jogo, 1975.

PEIRANO, Mariza G. S. “O Pluralismo de Antonio Candido”. In: **Série Antropologia**, n. 58, Brasília: UNB. 1997, p. 01-29.

PLOEG, Jan Douwe Van der. “O modo de produção camponês revisitado”. SCHNEIDER, Sérgio (Org). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2006. (Série de Estudos Rurais).

REZENDE, Maria José de. “Antônio Cândido e a tradição política a partir de 1945: ação, conhecimento e mudança social.” **Revista de Ciências Humanas**, n.40, Centro de Filosofia e Ciências Humanas CFH-UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, outubro de 2006. (Issn 0101-9589). p.443-468.

Revista **Teoria e Debate** n. 02. Março de 1988. “Memória: entrevista com Antonio Candido – a militância por consciência”. Entrevista em 29-03-1988, por Eder Sader e Eugênio Bucci. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=314>, acesso 23 de abril de 2009.

Revista **Visão**, 21 de novembro de 1970. “O grande Cândido”. p.190 e 192.

Revista **Veja**, n. 371, 15 de outubro de 1975, p. 03-05. “Antonio Candido. Nos limites do possível”. Entrevista feita por: João Marcos Coelho (páginas amarelas).

Revista **Veja**, n. 376, 19 de novembro de 1975. p.03-06. Entrevista com Alfredo Bosi. Pelo pensamento selvagem. Entrevista por João Marcos Coelho. (páginas amarelas).

SCHNEIDER, Sérgio; NIEDERLE, Paulo André. “Agricultura Familiar e Teoria Social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura.” In: FALEIRO, F.G. e FARIAS NETO, A.L. (ed.) **Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais**. Planaltina/DF, Embrapa, 2008, p. 989-1014. (Simpósio Nacional sobre o Cerrado e o II Simpósio Internacional sobre Savanas Tropicais).

STALIN, J. “Sobre os problemas da política agrária na URSS”. In: SILVA, José Graziano da; STOLCKE, Verena (Orgs). **A questão agrária: Weber, Engels, Lênin, Kautsky, Chayanov, Stalin**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.165-185.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. “Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov”. In: FERREIRA, Ângela Duart D.; BRANDENBURG, Alfio (Org). **Para pensar: uma outra agricultura**. Curitiba: Ed UFPR, 1998. p. 29-49.

Artigo recebido em 04 de novembro de 2010.

Artigo aceito em 25 de novembro de 2010.